

---

*Contribuição Bantu na Música Popular Brasileira: perspectivas etnomuseológicas* (Kazadi Wa Mukuna). São Paulo: Terceira Margem, 2000, 258p.

A coleção “África”, com o apoio do Centro de Estudos Africanos (USP) e da Sociedade Científica de Estudo da Arte (CESA), preenche uma lacuna na historiografia brasileira ao publicar *Contribuição Bantu na Música Popular Brasileira: perspectivas etnomuseológicas*, em sua segunda edição. A primeira, de 1979, há muitos anos está esgotada.

O autor deste livro - Kazadi Wa Mukuna - é doutor em etnomusicologia pela Universidade da Califórnia, professor associado da Universidade Estadual de Kent, e tem inúmeras obras de referência sobre instrumentos, melodias africanas e brasileiras, entre elas destaca-se a de cantigas infantis de Luba, sua terra natal.

Neste livro, Kazadi define a contribuição bantu para a música popular brasileira, mais especificamente o samba, a partir da idéia da existência de uma unidade cultural africana.

O livro está dividido em uma introdução, uma conclusão e cinco capítulos, intitulados como segue: Uma redefinição do grupo de “escravos Bantu”, Identificação de elementos musicais Bantu; Determinação das origens musicais dos elementos musicais Bantu; Mutações conceptuais dos elementos musicais Bantu do tradicional ao popular no Brasil; Persistência e continuidade dos elementos musicais Bantu no Brasil.

Para essa obra, Kazadi desenvolve uma abordagem interdisciplinar, composta pelo olhar antropológico, que o ajuda a definir as afinidades culturais e o meio de difusão dos elementos culturais entre as tribos Bantu no vale do Congo; o histórico, que o guia no processo da migração tribal no vale do Congo, as atividades escravistas, o provável itinerário da migração interna no Brasil, durante e depois da escravidão, levando à aglomeração atual, em áreas específicas, além de esclarecer a data possível da criação das formas musicais brasileiras, em consideração. E, finalmente, pelo olhar comparativo sobre a música que o leva a identificar elementos musicais, de origem Bantu, na música brasileira, em trabalho de campo realizadas no Congo e no Brasil.

Bantu é o nome genérico dado a um corpo de cerca de 2.000 línguas da África negra, que tem em comum a mesma expressão - muNTU - no plural: baNTU para indicar a palavra “gente”, em português. E que ocupam, antes da criação do primeiro e do segundo reino Congo, toda a parte Central da África. Essas tribos, além da lingua-

gem, têm outros denominadores culturais comuns (p. 49), e alguns traços diferenciais modificados pelos itinerários migratórios.

Pelo olhar de Kazadi, os traços culturais do Congo detectáveis no Brasil podem ter sido trazidos por qualquer uma dessas tribos, pelo fenômeno da *memória coletiva*: “um conjunto de vários pontos de vista sobre um acontecimento, cultura, etc., que foram retidos pelos membros de um grupo que tinham compartilhado seus acontecimentos” (p. 69).

Kazadi defende que o estudo de qualquer aspecto das culturas afro-brasileiras deve remontar progressivamente delas à África, e não o contrário, como algumas vezes é feito. Por essa linha de pesquisa, conclui que o padrão rítmico africano pode ter sido introduzido na expressão musical brasileira pelos escravos bantos, particularmente, os da região do Congo ou da que define como região Congo-Angola, em época indeterminada, talvez em período tão remoto como o século XVIII. No conjunto dos instrumentos em uso, na música brasileira, especificamente no samba, há dois com certeza de contribuição Bantu: o berimbau e a cuica.

Mais do que a história dos instrumentos, fascina, nesse livro, o modo como o autor explica o papel simbólico que eles podem ter em suas sociedades de origem, reguladas pelas normas e rituais da tradição: o de portadores de poderes mágicos e/ou religiosos.

Kazadi trabalha com o conceito de *mutação*, que considera mais que uma mudança: um fenômeno resultante de um ato, que condiciona o nível conceptual do indivíduo, onde as mudanças subsequentes são concebidas pela primeira vez.

Se para Roger Bastide o problema é compreender como tantos traços culturais africanos puderam resistir ao *rolo compressor* do regime servil, para Kazadi a questão proposta centra-se na preocupação psicológica, com ênfase na retenção (persistência) de elementos musicais bantos na mente de seus portadores, antes de sua adaptação e assimilação nas novas sociedades (p. 227).

Kazadi resume a essência da discussão sobre a função dos elementos bantus detectados ao concluir que os elementos musicais não escapam à teoria de *relação hierárquica*, presente na sociedade bantu, nem na da *noyveau de l'existence*, por tais razões, sua retenção na memória do indivíduo (p. 232).

Sobre o samba, ele diz textualmente: “Um exame do conjunto das contribuições publicadas sobre samba pelos estudiosos brasileiros revela que o enigma de *quando e onde teve origem* essa forma de expressão musical popular, aclamada internacionalmente como a mais representativa da música popular brasileira, tem chamado mais a aten-

ção do que o da provável origem evolutiva ou o *como* essa forma poderia ter surgido” (p. 94).

Nesse excelente livro sobre música não há *notas desafinadas*. Da leitura, ficam muitos conhecimentos importantes, como a contingência de valorização dos aspectos extra-musicais - estaca, local, costumes, etc. - a cultura, enfim, como pano de fundo em pesquisas sobre o comportamento dos portadores dos elementos e dos instrumentos musicais bantus que sobrevivem na cultura brasileira, em geral, e na expressão artística popular.

Entender que um tambor de fricção, por exemplo, entre os bakongos tem um significado místico, manifesto no ato de representar as vozes dos defuntos ou o som do animal totêmico da tribo, leva, por um lado, a um questionamento pontual sobre como fica esse aspecto quando o instrumento se torna de uso profano no Brasil. Por outro lado, insere uma questão mais complicada: qual o nível de respeito e cautela para com os valores de outrem, presentes no olhar dos autores, de cujas pesquisas nos apropriamos e no nosso, quando nos dispomos a analisar culturas diferentes das nossas?

A necessidade de um estudo formal das relações e significados possíveis que as tribos africanas criam em torno dos seus objetos e pessoas é, sem dúvida, o melhor ensinamento que Kazadi dá, nessa publicação, para quem se dispõe a estudar a cultura africana fora da África.

O livro de Kazadi é leitura obrigatória por instigar essa reflexão e por informar sobre a presença da cultura africana na música brasileira.

Margaret Marchiori Bakos\*

---

\* Doutora em História; professora do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.